

Igreja e pandemia: um olhar a partir da vulnerabilidade existencial

Church and pandemic: a look from the existential vulnerability

Thales Ryan de Carvalho*

Recebido: 22/10/20

Aprovado: 12/11/20

Resumo

O artigo busca contribuir com a reflexão sobre a relação entre Igreja e pandemia. Para isso, o autor desenvolve uma delimitação teórica ao centralizar sua investigação nas vulnerabilidades existenciais manifestadas por ocasião da atual pandemia e que exigem respostas eclesiais distintas. Investiga, primeiramente, o conceito de vulnerabilidade existencial, tendo como pressupostos a Revelação de Deus na criação e a pessoa, a violência comunitária e a liberdade humana. Em seguida, elenca as três perspectivas centrais que orientam a humanidade para a integração da vulnerabilidade existencial: subjetiva, sociológica e eclesiológica.

Palavras-chave: Igreja, Pandemia, Vulnerabilidade, *Fratelli Tutti* e Revelação

Abstract

The article seeks to contribute to the reflection on the relationship between the Church and the pandemic. To this end, the author develops a theoretical delimitation by centralizing his investigation on the existential vulnerabilities manifested at the time of the current pandemic and which require different ecclesial responses. First, it investigates the concept of existential vulnerability, based on the Revelation of God in creation and the person, community violence and human freedom. Then, it lists the three central perspectives that guide humanity towards the integration of existential

* Thales Ryan de Carvalho é graduado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA) e graduando do 6º semestre do curso de Teologia do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP). Artigo desenvolvido sob orientação da Prof. Dr. Maria Cecília Domezi. E-mail: thales.ryan@hotmail.com.

vulnerability: subjective, sociological and ecclesiological

Keywords: Church, Pandemic, Vulnerability, *Fratelli Tutti* e Revelation,

Introdução

Nos votos mais otimistas no final do ano de 2019, seguramente não estava incluído na expectativa de nenhum dos brasileiros que o país enfrentasse um momento tão complicado que é a pandemia do novo Coronavírus, o *Covid-19*. Em março de 2020, mais especificamente, nosso país teve que tomar algumas medidas para conter a propagação desse vírus e a principal delas foi o isolamento social. Diante de um vírus que causa angústia devido ao alto índice de mortalidade e não é seletivo quanto aos infectados, os efeitos da pandemia não ocorreram somente na área da saúde; mas, em decorrência de todo o contexto, provocou inúmeras consequências na vivência de todos os brasileiros.

As consequências da pandemia se apresentam, nesse cenário, como o panorama principal para a nossa reflexão uma vez que a Igreja também foi e está sendo afetada por essas consequências. A priori, pode-se pensar apenas em consequências de caráter financeiro ou a não participação dos fiéis na vida sacramental da Igreja; no entanto, existem outras implicações de natureza espiritual e social que tocam, inclusive, a missão da Igreja. Nessa relação entre Igreja e pandemia, não podemos nos afastar de uma compreensão hermenêutica que busque a solução das dificuldades na vida eclesial. Mas, para além disso, é necessário elaborar uma reflexão com os elementos pertinentes da realidade atual com o fim de fortalecer as iniciativas eclesiais futuras que transformem o quadro atual.

Assim sendo, pretendemos neste artigo, refletir a relação entre Igreja e pandemia acentuando o aspecto da vulnerabilidade existencial que, como veremos, abrange outros sentidos que auxiliam na reflexão teológica. Em primeiro lugar, investigamos uma definição para o termo *vulnerabilidade existencial*, a partir do conceito de vulnerabilidade empregado à existência humana e, neste enfoque, cristã. Em segundo lugar traçamos, de forma concisa, três pressupostos importantes para a compreensão efetiva da vulnerabilidade social dentro da delimitação da relação Igreja e Pandemia: a revelação de Deus, o conceito de bode expiatório e a liberdade humana.

Por fim, em terceiro lugar, erigimos três perspectivas principais que contribuem

para nosso intento e que dizem respeito à localização da realidade eclesial neste tempo de pandemia. A primeira delas é a perspectiva subjetiva, que é o primeiro nível afetado pela pandemia – o sujeito em si, suas expectativas e sua construção da identidade; alterado o *locus* existencial do sujeito individual, é natural que se rearranje o espaço social. Disso decorre que a segunda reflexão que desenvolvemos é a perspectiva sociológica, isto é, buscamos os elementos que nos mostram o grau de influência da pandemia nos espaços sociais e o quanto a vulnerabilidade desse espaço exige da Igreja uma postura ativa e acolhedora. Por fim, concluímos com a perspectiva eclesiológica, analisando os meios pelos quais a Igreja pode utilizar-se para promover a partilha e a integração das vulnerabilidades decorrentes da pandemia e ser sinal de libertação e esperança para o mundo.

1. O conceito de vulnerabilidade existencial

A palavra *vulnerabilidade* é comumente utilizada na sociedade em diferentes campos temáticos, sobretudo nos meios acadêmicos. Originária do verbo em latim *vulnerabile* que é traduzido em português por *vulnerável*, esta palavra está relacionada com a capacidade que alguém tem de ser afetado, ferido ou prejudicado, tanto a nível físico como moral. Em nossa compreensão, entendemos a vulnerabilidade como o nível de reação, seja individual ou comunitária, no que se refere à *seleção* do meio. Esta seleção nada mais é do que as condições extrínsecas à humanidade e que, de uma maneira ou outra, acabam influenciando as relações humanas.

É factível, então, buscarmos na história humana eventos nos quais o *meio* influenciou diretamente as reações humanas, conforme o critério de vulnerabilidade. Para isso, deve-se ter em mente que o *meio* ao qual nos referimos alude ao âmbito espacial cujos fenômenos podem ser apreendidos pela razão humana e que pode estar concentrado de componentes naturais ou culturais. No primeiro caso, o meio expressa a seleção natural quando os acontecimentos da natureza, os quais o ser humano não tem controle, acabam por influenciar as ações humanas, deixando claras as vulnerabilidades da humanidade. É nesse caso distintivo que se localiza a pandemia do Coronavírus, em que, diante dos avanços científicos até o presente momento, o que se observa é a constatação de que a pandemia é acarretada por causas naturais.

No segundo caso o meio é seletivo quando as ações humanas demonstram as

fragilidades dos processos construídos socialmente, pela *dominação* humana. É o caso, por exemplo, das guerras onde, por interesses específicos, busca-se a eliminação do outro. É relevante assinalar que mesmo para a destruição, o aspecto da vulnerabilidade é necessário uma vez que permite a um grupo identificar as falhas de outro grupo e explorá-las. Um exemplo disso é a estratégia russa, durante os ataques napoleônicos, de confundir o caminho dos inimigos ao fazê-los enfrentar o duro inverno de seu território para, assim, conquistar vantagem em relação ao inimigo. Outro exemplo da vulnerabilidade cultural é quando o ser humano percebe os limites de sua criação através dos resultados negativos consequenciais dos objetos criados. Cita-se, aqui, o caso recente do rompimento das barragens de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais, em que não se deve culpar o meio natural pela ação, mas, maiormente, os responsáveis pelo empreendimento, condizentes com as conformações racionais geradoras.

Em uma compreensão histórica, poderíamos perceber inúmeros exemplos que mostram que a humanidade, desde a sua criação, sempre foi e está vulnerável, seja aos agentes naturais do meio, seja aos construtos humanos que, apesar dos avanços racionais e tecnológicos, estão longe de alcançar a perfeição da criação. Nesse sentido, realçamos três instâncias dialéticas que, como pressupostos pertinentes, contribuirão para a nossa concepção de vulnerabilidade existencial: a revelação de Deus, o conceito de bode expiatório e a liberdade humana.

No primeiro aspecto, verifica-se que na Revelação de Deus ao ser humano, o próprio criador mostra à humanidade os limites pelos quais, antropologicamente, o gênero humano está inserido. É a partir do próprio ato criador que Deus se comunica à humanidade; a criação é a máxima amorosa onde Deus partilha com o homem a realidade trinitária do amor, oferecendo-nos, mais do que a possibilidade da salvação, a graça da existência humana. Desse modo, ao discutirmos o tema da vulnerabilidade existencial, não podemos dissociá-la da Revelação de Deus que assume, na criação, o caráter fenomenológico do existir e, conseqüentemente, ser apreendida. É na percepção do que existe que a pessoa humana vê a presença do criador e assim compreende a sua própria existência e a vulnerabilidade que a circunda.

No entanto, é na segunda categoria - a do bode expiatório - que ficará clara a vulnerabilidade existencial enquanto uma condição humana. Segundo René Girard, o bode expiatório pode aplacar os sentimentos de ódio e rivalidade existentes dentro de

uma comunidade (GIRARD, 2004, p. 87). Ao eleger um membro como bode expiatório, a comunidade deixa claro as limitações de sua condição humana e é aí que aparece a vulnerabilidade existencial que, no que lhe diz respeito, não é reconhecida no bode expiatório, mas na necessidade da comunidade de, pela violência, reafirmar-se enquanto tal. É nesse paradigma do sacrifício que o bode expiatório, antes culpado para a comunidade, diviniza-se. Assim, aclaram-se as vulnerabilidades antropológicas e inconscientes da comunidade. A divinização do que antes era o *culpado* pelas fragilidades comuns, corresponde à integração, ainda que de maneira insólita, da vulnerabilidade existencial ali presente.

Por fim, a terceira instância - a liberdade humana - indica o molde homogeneizador das duas categorias descritas acima. Embora a priori entendamos a liberdade humana como um reflexo do divino em nós, é a partir dela que é possível apreender a realidade do Deus que se auto comunica na criação e tomarmos consciência dos mecanismos inconscientes da violência que nos tornam vulneráveis. O conceito de liberdade que trazemos para a nossa reflexão é a *liberdade existencial* empregado por Kierkegaard, segundo o qual,

ao voltar-se para dentro de si, [o indivíduo] descobre a liberdade. O destino ele não teme, pois ele não se propõe qualquer tarefa voltada para fora, e a liberdade, para ele, é sua beatitude, não a liberdade de fazer isto ou aquilo no mundo (...), porém a liberdade de saber, no seu íntimo, que ele é liberdade (...). Na mesma proporção que ele descobre a liberdade, na mesma proporção avança sobre ele a angústia da culpa, no estado de possibilidade. (KIERKEGAARD, 2010, p. 82)

A angústia da culpa nomeada pelo filósofo corresponde ao momento em que o indivíduo toma consciência das possibilidades que o cerca e das possíveis consequências de suas escolhas. Assim, entre a liberdade e a culpa, há um espaço de fragilidade, uma vulnerabilidade subjetiva que indica o quanto a liberdade é essencial para a vida humana. Desse modo, pelo livre-arbítrio, o ser humano é capaz de religar-se com a criação e com a sua própria natureza humana e assim, deslindar a vulnerabilidade existencial que o cerca.

Transpondo as três instâncias abordadas para a realidade que o mundo vive com a pandemia do coronavírus, é possível afirmar que esta encontra-se dentro da criação, posto que é um fenômeno perceptível não somente pela consciência humana; mas que,

inclusive, a afeta. Assim, é errônea a compreensão de que a pandemia seja um castigo de Deus para punir os seres humanos por seus atos. Como um evento natural, a pandemia vem ensinar à humanidade que esta encontra-se vulnerável a todo condicionamento humano com pertinência na realidade. Em um segundo momento, vê-se que, ao invés de fazer um percurso de construção e crescimento a partir dos efeitos da pandemia, grande parte das pessoas acentuaram o desejo de violência presente no *bode expiatório*. Com isso, passou-se a buscar culpados e negligenciar a pandemia, ato que atenta contra a vida. Por fim, é na liberdade que o ser humano tem de assimilar o mundo exterior e crescer com seus erros, que é possível superar a pandemia.

Portanto, a partir dos pressupostos expostos anteriormente, nota-se que é de suma importância para o ser humano tomar consciência da vulnerabilidade existencial que o cerca, não somente enquanto existência individual. Mas, sobretudo, como existência comunitária. Destarte, uma pessoa só é capaz de dar um salto para o infinito, no sentido de tornar-se um sujeito melhor, quando reconhece o quanto já avançou e o quanto ainda necessita progredir. Nesse intuito, trazemos três perspectivas centrais que orientam a humanidade para a partilha e integração da vulnerabilidade existencial: perspectiva subjetiva, perspectiva sociológica e perspectiva eclesiológica.

2. Perspectiva subjetiva

A primeira perspectiva que orienta a compreensão da relação Igreja e Pandemia é a subjetiva. No horizonte da vulnerabilidade existencial, o ser humano, a quem a Trindade plenamente se revelou através da criação, da História da Salvação e da encarnação, é totalmente responsável por suas ações para com o planeta e não é um ser perfeito que não possa ser afetado pelas exterioridades. Dessa forma, o primeiro nível eclesiológico que foi afetado foi o ser humano. Se partimos do pressuposto de que a Igreja é o Povo de Deus a caminho da libertação, não podemos entender esse *povo* como massa irreflexa, mas comunidades formadas por indivíduos, pessoas de *carne e osso*, com sua história, família e vida social.

Esse indivíduo sendo afetado, é natural que toda a comunidade cristã também o seja; milhares de mortes no Brasil pelo vírus não deve ser um número qualquer, mas que indique a eliminação e banalização da vida, o bem mais precioso dado por Deus e defendido pela Igreja. Entretanto, muitas vezes presenciamos a Igreja neste tempo de

pandemia preocupada com assuntos secundários, financeiros, divisões internas... falta a unidade, falta a defesa da vida, falta coragem para lutar contra os mecanismos de opressão que ainda destroem, oprimem e marginalizam a população (LÖWY, 2000, p. 64).

A pandemia veio então, mostrar ao ser humano a fragilidade à qual a humanidade está exposta; não é qualquer fragilidade, é a natureza que responde ao homem que este deve preservar o planeta Terra, olhar a criação que *geme e sofre até agora com dores de parto* (Rm 8,22). Em sua encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco insiste para que a humanidade busque cuidar da casa comum, repensando os interesses que degradam o meio ambiente; superar isso é ressignificar a vulnerabilidade existencial presente na relação do ser humano com o meio ambiente. Desse modo,

se “os desertos exteriores se multiplicam no mundo, porque os desertos interiores se tornaram tão amplos”, a crise ecológica é um apelo a uma profunda conversão interior. Entretanto temos de reconhecer também que alguns cristãos, até comprometidos e piedosos, com o pretexto do realismo pragmático, frequentemente se burlam das preocupações pelo meio ambiente. Outros são passivos, não se decidem a mudar os seus hábitos e tornam-se incoerentes. Falta-lhes, pois, uma conversão ecológica, que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa (LS n. 217).

Entretanto, para alcançarmos resultados profícuos no intento de ressignificar a vulnerabilidade existencial através da subjetividade humana, ao mesmo tempo do cuidado com o meio ambiente, devemos também compreender e empenhar-nos para o cuidado com a pessoa humana. A perspectiva subjetiva vem orientar justamente para isso: é a partir do cuidado com cada indivíduo e da compreensão de suas vulnerabilidades pessoais de caráter existencial que é possível construir um mundo mais humano e fraterno. Para ilustrarmos isso, comungamos do pensamento de Kierkegaard, segundo o qual o indivíduo deve ater-se, primeiramente, para a sua existência concreta e, em seguida, para sua relação com o geral:

O eu, é a síntese consciente de infinito e de finito em relação com ela própria [...]. Tornar-se si próprio, é tornar-se concreto, coisa irrealizável

no finito ou no infinito, visto o concreto em questão ser uma síntese. A evolução consiste, pois, em afastar-se indefinidamente de si próprio, numa “infinetização”. Pelo contrário, o eu que não se torna ele próprio permanece, saiba-o ou não, desesperado. Contudo, o eu, está em evolução a cada instante de sua existência [...]. Enquanto não consegue tornar-se ele próprio, o eu não é ele próprio[...] (KIERKEGAARD, 1974, p. 350).

Assim sendo, o primeiro passo para se integrar a vulnerabilidade existencial do indivíduo é permitir que ele se torne *infinito*, isto é, enquanto homem concreto, tenha consciência de sua existência e mesmo diante do *desespero* ocasionado pelo mundo exterior, seja capaz de evoluir. Essa evolução corresponde, assim, à integração da vulnerabilidade existencial, quando o ser humano é capaz de sintetizar o que ocorre em seu interior com as influências advindas do meio. Não se elimina a vulnerabilidade de caráter subjetivo, no entanto o indivíduo é passível de dar novo sentido à sua vida e assimilar o seu processo de construção existencial.

As consequências mais sentidas neste tempo de pandemia afetam o sujeito concreto e causam uma variedade indeterminável em sua relação com o meio. Exemplos dessas consequências são as situações de angústia, patologias emocionais e psicológicas, perda de *sentido da vida*. Em outros termos, com a pandemia as vulnerabilidades existenciais subjetivas foram emergidas, possibilitando novas compreensões da realidade e provocando uma alteração nos relacionamentos humanos e na participação da vida comunitária. Assim, *quem não deseja afundar-se na miséria da finitude é compelido a, no sentido mais profundo, atirar-se para a infinitude* (KIERKEGAARD, 2010, p. 175), ou seja, é através da consciência de cada indivíduo de buscar o *infinito*, compartilhar suas fragilidades e se integrar, que é possível a transformação da vulnerabilidade existencial e dos relacionamentos humanos.

Nesse sentido, de acordo com o filósofo, toda relação humana pressupõe o encontro consigo mesmo; o *eu*, é o primeiro aspecto existencial que deve tomar consciência de si e assumir suas responsabilidades. Para tanto, é necessário que o indivíduo tenha a fé em Deus para integrar suas vulnerabilidades. É a realidade da fé que permite à pessoa ter esperança no futuro e não ter *medo de existir*; *houve quem confiava em si mesmo e obteve tudo, e houve quem seguro de sua força, sacrificou tudo: mas quem creu em Deus foi o maior de todos* (KIERKEGAARD, 2010, p. 174).

Consequentemente, assim como a existência humana é vulnerável, também a

Igreja instituição é vulnerável e deve, à luz do evangelho, pelo modelo do Cristo Libertador e da experiência das comunidades cristãs, repensar sua presença no mundo e ser instrumento efetivo de libertação para a realidade que tanto necessita. Nesse sentido, nota-se que fora maximizada a vulnerabilidade individual e a Igreja tem papel fundamental para ajudar as pessoas a construírem-se positivamente a partir desse cenário.

No horizonte do indivíduo que é vulnerável, da sociedade vulnerável, da Igreja vulnerável, da fé vulnerável, do Cristo vulnerável, de Deus vulnerável... Concluímos a perspectiva subjetiva no paradigma da ação eclesial que promove o cuidado com o meio ambiente e, especialmente, com o ser humano. Em sua encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco, realça esse aspecto ao afirmar que:

Quando falamos em cuidar da casa comum, que é o planeta, fazemos apelo àquele mínimo de consciência universal e de preocupação pelo cuidado mútuo que ainda possa existir nas pessoas. De fato, se alguém tem água de sobra mas poupa-a pensando na humanidade, é porque atingiu um nível moral que lhe permite transcender-se a si mesmo e ao seu grupo de pertença. Isto é maravilhosamente humano! Requer-se este mesmo comportamento para reconhecer os direitos de todo o ser humano, incluindo os nascidos fora das nossas próprias fronteiras. (FT n. 117).

3. Perspectiva sociológica

A segunda perspectiva que mostrará a presença da vulnerabilidade existencial na relação entre Igreja e pandemia, é a sociológica. Por sociológica, entende-se aqui o segundo nível de construção humana: o seu papel social. A habilidade de constituir-se socialmente permite aos indivíduos alcançarem seus objetivos próprios e com isso buscar o bem-estar comum. É lícito afirmar que as dimensões sociais sejam potencialmente afetadas pelas consequências da pandemia, exigindo à sociedade respostas de intervenção que evidenciem seus interesses.

Na perspectiva sociológica, investigamos os principais impactos da pandemia na sociedade, economia, cultura e política e que, diretamente, requerem intervenção da Igreja (FT nn. 32-36). Como impacto social, sublinhamos o aumento do desemprego, o sistema de saúde sobrecarregado, a exposição ao vírus de pessoas dos grupos de risco e que foram impossibilitadas de realizar o isolamento social, a vulnerabilidade de grupos como moradores de rua e o não acesso a bens e serviços essenciais como moradia, saúde

e alimentação. Em vista disso, quanto maior a *necessidade social*, a pobreza e marginalização de uma pessoa ou grupo, maior sua vulnerabilidade social.

A economia, por sua vez, viu considerável decréscimo de investimentos e lucros, levando muitas empresas à falência e deixando muitos trabalhadores sem emprego. Diante disso, presenciou-se um *auxílio emergencial* que, mesmo colaborando com a população impossibilitada de trabalhar, mostra-se falho quanto às reais necessidades e demandas de intervenção social. Culturalmente presenciou-se uma variação dos comportamentos grupais no sentido de que as novas tecnologias e mídias sociais ganharam espaço, inclusive no meio educacional e religioso, o que restringiu a pertença cultural ao grupo dos que tinham acesso à internet, evidenciando as desigualdades sociais.

Por último, no aspecto político, o Brasil assistiu a uma verdadeira desorganização de iniciativas, o que facilitou a amplitude que a pandemia adquiriu no país. A primeira causa para essa condição foi o governo negligenciar abertamente os perigos causados pela pandemia, explicitando que a defesa da vida se encontrava em último lugar e o apoio a uma *falsa necessidade econômica* suplantara a vida de milhares de inocentes.

Diante das decorrências da pandemia apresentadas acima, podemos perguntar: como integrar as vulnerabilidades existenciais maximizadas pela pandemia na sociedade brasileira? Não é fácil propor alternativas concretas para transformar a sociedade em que vivemos. Entretanto, como cristãos, inspirados a *anunciar o evangelho* (2Tm 4,5), embasados na tradição da Igreja e em sua Doutrina Social, selecionamos três luzes que nos ajudam a lutar por uma sociedade mais justa e fraterna.

A primeira luz é a defesa da vida expressa na dignidade da pessoa humana. O homem e a mulher, criados à imagem e semelhança de Deus, devem ter seus direitos reconhecidos e defendidos pela sociedade, além de estarem acima de qualquer interesse econômico ou político. Conforme afirma o documento conciliar *Gaudium et Spes*, *a ordem social e seu progresso devem, pois, reverter sempre em bem das pessoas, já que a ordem das coisas deve estar subordinada à ordem das pessoas e não o contrário* (GS n. 26).

O segundo tópico é a justiça social. Ainda hoje há muitos seres humanos que enfrentam a fome, a falta de moradia e problemas advindos de sua situação de extrema

pobreza. Diante da gritante desigualdade social existente em nosso país, o caminho da justiça social é aquele que valoriza a *multiplicação dos pães*, onde ninguém fica sem o que comer e o alimento é para todos. É o caminho da defesa do direito dos pobres, migrantes e explorados, que valoriza a equidade e a comum unidade dos bens da criação e faz face aos efeitos destrutivos do império do dinheiro (FT n. 116).

A terceira luz é o comprometimento político. Diante de uma conjuntura que demonstra as fragilidades políticas existentes dentro da sociedade e escancaradas pela pandemia, deve ser postura de todo sujeito que se preocupa com o bem comum, o comprometimento para a transformação política. O Papa Francisco dedica todo o capítulo V da encíclica *Fratelli Tutti* para abordar essa questão. É tarefa do cristão, por meio da caridade política e do amor social, empenhar-se em organizar e estruturar a sociedade de modo que o próximo não venha a encontrar-se na miséria (FT n. 186).

Portanto, na perspectiva sociológica notamos efeitos significativos da pandemia no meio social, o que expôs ainda mais as vulnerabilidades existenciais e estruturas injustas presentes na sociedade. Entretanto, para que a sociedade cresça mediante suas vulnerabilidades, desponta no horizonte a defesa da dignidade da pessoa humana, a promoção da justiça social e o comprometimento com a transformação política da sociedade. Para esse fim, cada ser humano é chamado a ser *luz do Cristo encarnado*. Como afirma Comblin:

Mais importante é o descobrimento das riquezas humanas escondidas mesmo no seio da mais extrema pobreza. Mais importante certamente é o descobrimento da humanidade nas lutas pelas quais tais seres humanos tão prejudicados se regeneram e se levantam de sua desgraça. (...) A libertação do indivíduo não é posterior à libertação coletiva da humanidade. O exemplo de Jesus mostra que esta começa por um só indivíduo. A libertação passa das pessoas para o conjunto da humanidade em todas as suas dimensões (COMBLIN, 1985, p. 223)

4. Perspectiva eclesiológica

A terceira e última perspectiva abrange a relação entre Igreja e pandemia, considerando todo o exposto anteriormente, no qual traçamos as linhas gerais de compreensão fundamentadas no conceito de vulnerabilidade existencial e aplicadas ao indivíduo concreto e à sociedade.

É visível que a pandemia trouxe consequências também para a ação da Igreja Católica em todo o mundo. No Brasil, por exemplo, os templos ficaram meses fechados,

alterou-se o aspecto comunitário presencial da fé, muitas paróquias e dioceses ingressaram em difícil situação financeira. Diante desse cenário, careceu-se de toda a Igreja peregrina, que *é por sua natureza missionária* (Ad Gentes n. 2), alternativas para a continuidade da evangelização, o cuidado com a pessoa concreta e o condigno enfrentamento à pandemia.

Perante a vulnerabilidade existencial, três respostas a nível eclesiológico, exprimidas por ação do Espírito Santo e alicerçadas na Tradição da Igreja merecem destaque: o retorno à Igreja doméstica, como casa de partilha de vida e vivência comum da fé; a espiritualidade evangélica, compreendida como o olhar esperançoso para o futuro; e a fraternidade, um anseio universal para a conquista da autenticidade comunitária.

A primeira resposta é o retorno à Igreja doméstica. Com o isolamento social ocasionado pela pandemia, ficou impossibilitado o encontro comunitário na igreja-templo. Com mais tempo em suas casas, as famílias tiveram um espaço oportuno para a partilha da vida e vivência do evangelho no seio da identidade básica de todo ser humano: a célula familiar. Assim, a *ekklesia*, viu-se necessitada a repensar novamente a experiência sacramental apoiada na vivência dos membros de uma família, lugar onde mais evidentes são as vulnerabilidades de caráter individual (Lumen Gentium n. 11).

A oportunidade da prática de fé e testemunho eclesial no interior da família cristã deve fortalecer os vínculos, isso porque espera-se que *nas famílias todos contribuem para o projeto comum, todos trabalham para o bem comum; mas sem anular o indivíduo, pelo contrário sustentam-no, promovem-no* (FT n. 230). A importância de se retornar à Igreja doméstica é retomar os laços familiares e, mesmo que existam os conflitos, a *casa* se torne um lugar de partilha de vida e experiência de fé, o que permitirá que cada membro entenda suas próprias vulnerabilidades e, por consequência, as vulnerabilidades da própria família. Como resultado, teremos um ambiente de mais compreensão, perdão e amor mútuo.

Presencia-se que, com o advento das novas tecnologias e o apego ao meio virtual, cresce o individualismo, a superficialidade das relações e a perda da preocupação com o outro. Nesse tempo de pandemia e eleições, inúmeras verdades inquestionáveis são criadas, conduzindo a uma deturpação dos valores morais e permitindo que se sobressaia os conflitos e divisões internas da sociedade.

Dentro da compreensão da Igreja doméstica, um aspecto nos chama bastante a atenção: a necessidade do diálogo. Uma das vulnerabilidades mais presentes na Igreja é justamente a dificuldade de estabelecer o diálogo, seja com a sociedade cultural pós-moderna, seja com outras crenças. Desse modo, *torna-se necessário um diálogo paciente e confiante, para que as pessoas, as famílias e as comunidades possam transmitir os valores da própria cultura e acolher o bem proveniente das culturas alheias* (FT n. 134). Ressalta-se, também que:

o diálogo é o caminho permanente para a boa convivência e o aprofundamento da comunhão. A variedade de vocações, carismas, espiritualidades e movimentos é uma riqueza e não motivo para competição, rejeição ou discriminação. Grande é o desafio da educação para a vivência da unidade na diversidade, fundada no princípio de que todos são irmãos e iguais em dignidade (Gl 3,28). Quanto maior for a comunhão, tanto mais eficaz será o testemunho de fé da comunidade (DGAE n. 98)

A segunda resposta para uma compreensão da Igreja na pandemia a partir da vulnerabilidade existencial é a espiritualidade evangélica, entendida como um olhar esperançoso para o futuro. Enquanto a pandemia dava seus primeiros sinais no Brasil, onde se iniciava o isolamento social, na Itália a taxa de mortalidade pelo vírus estava muito alta. Era o dia 27 de março de 2020 e uma imagem impressionou o mundo: Papa Francisco, sozinho, debaixo de uma fina chuva, caminhava pela Praça São Pedro e rezava diante do milagroso crucifixo da igreja de San Marcello al Corso.

Em um primeiro momento, essa imagem transmite a vulnerabilidade do mundo diante do vírus. O papa caminhar sozinho pela praça São Pedro revela que a humanidade é frágil diante da natureza que ela crê tanto possuir; revela que a pessoa humana não é onipotente diante da natureza que ela destrói. O caminhar tranquilo de Francisco, vulnerável e frágil, demonstra o caminhar de uma Igreja que, mesmo diante das finas chuvas, das infinitas escadas e pedras no caminho, mesmo com passos irregulares, ferida, caminha orientada para o futuro, com a esperança de dias melhores.

Em um segundo momento, a ação de Francisco reflete uma Igreja que não ficou parada no tempo, mas que possui uma espiritualidade evangélica, solidificada em sua Tradição, na entrega amorosa de inúmeros mártires e testemunhas do Reino, e que tem em Jesus o modelo para a transformação do mundo. O papa reza diante do Senhor

crucificado. O silêncio do sumo pontífice encontra-se brevemente com o *silêncio de Deus*. As feridas, as chagas e o olhar sem vida do Cristo, sinal máximo da vulnerabilidade existencial da Trindade que se doa por amor à humanidade, até a morte, e morte de cruz (Fl 2,8), penetram no mais profundo das esperanças de Francisco que olha fixamente para o crucificado e a ele apresenta as dores e vulnerabilidades, mortes e angústias causadas pelos *vírus* em todo o mundo. No olhar de Francisco é refletido cada um de nós, humanos e finitos. Ali, o papa apresenta-se despido de todo orgulho, poder e soberba; na simplicidade, a humanidade de Francisco se revela; no olhar esperançoso e confiante do papa está o desejo pela redenção da humanidade, a libertação de toda opressão e morte, a ressurreição.

Sendo assim, a Igreja deve olhar para os lados e adentrar, especialmente durante a pandemia, no mistério que reina no mundo e, a partir da experiência com Deus, fortalecer a espiritualidade esperançosa que integra as vulnerabilidades existenciais. Para isso, o modelo deve ser aquele que *se esvaziou a si mesmo e tomou a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens* (Fl 2,7), para que, assim como Ele, sejamos construtores do Reino de Deus e elevados à plenitude da salvação.

A terceira resposta que a perspectiva eclesiológica oferece para a superação das vulnerabilidades existenciais evidenciadas pela pandemia é a da fraternidade como um anseio universal para a conquista da autenticidade comunitária. Nesse intuito, mesmo com um futuro ainda incerto no que tange aos efeitos da pandemia, a pessoa humana, a sociedade brasileira e a Igreja Católica, devem propor alternativas que tornem o pós-pandemia, *a nova primavera*, um lugar de acolhida e cuidado para com os que sofrem.

É nesse contexto da *batalha* contra o Covid-19, que a Igreja não pode se tornar *enferma pelo fechamento* (*Evangelii Gaudium* n. 49), mas ser uma Igreja em saída capaz de tornar-se um *hospital de campanha* que cuide das feridas das pessoas e das fragilidades do mundo. *A Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários (...) que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam* (EG n. 24) e tem como modelo de itinerância o próprio Jesus que curou as feridas da humanidade, que devolveu a vida aos que estavam mortos e restituiu a dignidade aos excluídos. Que nestes tempos incertos, não falte à Igreja a dinâmica do cuidado com os que sofrem, a capacidade de ser uma Igreja em saída e a coragem de ser um *hospital de campanha*.

Por fim, inspirados em Lc 4,14-21, o grande diferencial da relação entre Igreja e

pandemia será a postura da Igreja em se abrir para o mundo na atitude da mãe que acolhe o filho ferido e, dessa forma, proclamar o ano da graça do Senhor. No entanto, para a eficácia dessa ação pastoral da Igreja é imprescindível a compreensão da amizade social e da fraternidade universal como elementos conciliares entre os desafios da pandemia e a pretensão de se construir um *mundo novo* para todos. Acerca disso, pode-se dizer:

A fraternidade não é resultado apenas de situações onde se respeitam as liberdades individuais, nem mesmo da prática duma certa equidade (...). Esta tem algo de positivo a oferecer à liberdade e à igualdade. Que sucede quando não há a fraternidade conscientemente cultivada, quando não há uma vontade política de fraternidade, traduzida numa educação para a fraternidade, o diálogo, a descoberta da reciprocidade e enriquecimento mútuo como valores? Sucedem que a liberdade se atenua, predominando assim uma condição de solidão, de pura autonomia para pertencer a alguém ou a alguma coisa, ou apenas para possuir e desfrutar. Isso não esgota de maneira alguma a riqueza da liberdade, que se orienta sobretudo para o amor (FT n. 103)

Desse modo, a fraternidade universal conclama os seres humanos a se ajudarem mutuamente para compartilhar e integrar: suas vulnerabilidades individuais, uma vez que crescemos no relacionamento com o outro; as vulnerabilidades sociais, visto que seríamos impelidos, em comunidade, à transformação da sociedade; e as vulnerabilidades eclesiais onde, na Igreja animada pelo Espírito Santo, seríamos orientados pelo exemplo de Cristo libertador, à vivência, sem limites, do amor.

Considerações finais

Este ensaio teve como enfoque teórico a investigação acerca da relação Igreja e Pandemia, isto é, a compreensão de como a Igreja responderia às consequências provocadas pela pandemia. Para auxiliar nesse empreendimento, buscamos uma delimitação especulativa a partir do conceito de vulnerabilidade existencial. Dessa forma, estruturamos nossa reflexão em duas partes principais: na primeira, procuramos responder à questão: *o que é vulnerabilidade existencial?* E, na segunda, entender sobre quais as implicações dessa vulnerabilidade para a postura da Igreja na pandemia.

Na primeira parte mostramos que a vulnerabilidade existencial é caractere definidor da existência humana, isso porque a condição do indivíduo de existir e perceber-se como tal traz em si as respostas desse mesmo indivíduo às exterioridades

provocadas pelo meio onde ele está inserido. Dessa forma, elencamos três pressupostos que nos auxiliam na compreensão da pertinência da vulnerabilidade existencial na vida humana. O primeiro deles é a Revelação de Deus em que, pelo ato criador, Deus se comunica ao ser humano que apreende a realidade criada. O segundo princípio é o conceito de bode expiatório onde, na relação ascendente de sacrifício-divinização, a comunidade demonstra suas vulnerabilidades existenciais por meio da violência. O terceiro pressuposto é a liberdade humana que possibilita ao homem construir-se enquanto sujeito concreto e infinito e compreender suas fragilidades.

Na segunda parte, ampliamos nosso estudo ao buscar refletir sobre a relação entre Igreja e pandemia tendo como meta central a integração das vulnerabilidades existenciais presentes no mundo. Para isso, fez-se útil selecionarmos três perspectivas principais de ação: subjetiva, sociológica e eclesiológica. Na perspectiva subjetiva, sublinhamos a atenção que a Igreja deve ter com as vulnerabilidades existenciais presentes no meio ambiente e em cada pessoa concreta, visto que são o nível básico de qualquer organização comunitária ou institucional. Sem a devida atenção com a pessoa humana, perder-se-á a oportunidade de superar as consequências deixadas pela pandemia.

A segunda perspectiva é a sociológica. Nela, analisamos os principais problemas que prejudicam a sociedade e, inspirados pela encíclica *Fratelli Tutti* do Papa Francisco, enumeramos os principais caminhos que contribuem para uma sociedade sadia que compreende suas vulnerabilidades: a dignidade da pessoa humana, a justiça social e o comprometimento político. Na última etapa desse estudo, tivemos como objetivo compreender como a Igreja responderia às vulnerabilidades presentes em seu interior, na sociedade e na pessoa humana, reveladas pela pandemia. Nesse sentido, a perspectiva eclesiológica reforçou a compreensão da Igreja como casa acolhedora, Igreja em saída e *hospital de campanha* e trouxe três elementos que não se devem perder de vista no pós-pandemia: a Igreja doméstica, a espiritualidade evangélica e a fraternidade universal.

Resta-nos agora encontrar caminhos para entender as vulnerabilidades existenciais que estão ao nosso redor e que foram evidenciadas pela pandemia. Após essa primeira etapa, é importante buscar integrar as consequências dessas fragilidades na sociedade, o que é um papel essencial para a Igreja, profética e missionária, cuja

centralidade é o Cristo que foi capaz de compreender suas vulnerabilidades existenciais, assumi-las e abrir a todos os homens o caminho da salvação.

Referências bibliográficas

- BENTO XVI. Encíclica *Caritas in Veritate*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- BÍBLIA NOVA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.
- CNBB, Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil - 2019-2023. Documento 109. Brasília: CNBB, 2019.
- COMBLIN, J. *Antropologia cristã*. São Paulo: Vozes, 1985.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II: Constituições, decretos, declarações. São Paulo: Paulus, 1997.
- FORTE, B. *A Trindade como história*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- FRANCISCO. Exortação *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulinas, 2013. (EG)
- FRANCISCO. Encíclica *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus / Loyola, 2015. (LS)
- FRANCISCO. Encíclica *Fratelli Tutti*. Disponível em:
<http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa> (FT)
- GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Paz e Terra; Unesp, 1990.
- KASPERS, W. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. São Leopoldo: Unisinos, 2012.
- KIERKEGAARD, S. A. *O desespero humano*. São Paulo: Ed. Abril, 1974.
- KIERKEGAARD, S. A. *O Conceito de angústia*. São Paulo: Vozes, 2010.
- LÖWY, M. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PASSOS, J. D. *A Igreja em saída e a casa comum: Francisco e os desafios da renovação*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- QUEIRUGA, A. T. *Recuperar a criação: por uma religião humanizadora*. São Paulo: Paulus, 1999.
- RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.